Image not found or type unknown

Domingo, 28 de Setembro de 2025

Reuniões secretas prepararam encontro entre Lula e Trump na ONU

Encontros coincidiram com a condenação de Bolsonaro e o risco de novas tarifas dos EUA contra o Brasil.

Estadão

O encontro entre Luiz Inácio Lula da Silva e Donald Trump, durante a Assembleia-Geral da Organização das Nações Unidas, em 23 de setembro, não foi por acaso.

Segundo o jornal *Estadão*, reuniões reservadas entre autoridades do Brasil e dos Estados Unidos pavimentaram o caminho para a primeira conversa entre os dois presidentes.

As negociações começaram semanas antes, em caráter sigiloso, e envolveram figuras centrais dos dois governos. Do lado brasileiro, participaram o vice-presidente Geraldo Alckmin e o chanceler Mauro Vieira.

Do lado americano, o representante comercial Jamieson Greer e o ex-embaixador Richard Grenell, hoje emissário de Trump para missões especiais.

- O possível encontro entre Lula e Donald Trump na ONU coloca a diplomacia brasileira sob os holofotes. **O que está por trás desse convite inesperado de Trump? Armadilha política ou oportunidade para o Brasil? Entenda no canal da Brasil Paralelo.**

Bastidores da aproximação

Em 11 de setembro, Alckmin realizou uma videoconferência com Greer. Oficialmente, a reunião tratava de comércio exterior.

De acordo com documentos internos do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), no entanto, também abordou a condenação de Jair Bolsonaro pelo Supremo Tribunal Federal e os riscos de novas tarifas contra o Brasil.

A reunião aconteceu no mesmo dia em que o julgamento do ex-presidente foi concluído com pena de 27 anos e 3 meses de prisão.

A preocupação do Brasil era evitar uma reação dos EUA com novas tarifas, já que tramitavam processos de investigação sob a *Seção 301 e 232* da lei americana de comércio. **O objetivo era manter os canais de negociação abertos com Washington.**

Quatro dias depois, Grenell viajou ao Rio de Janeiro para um encontro discreto com Mauro Vieira, em um hotel na zona sul. **Na pauta, a possibilidade de Lula e Trump se cruzarem em Nova York.**

Nenhum desses contatos apareceu em agendas oficiais ou foi divulgado publicamente. Não houve notas, registros ou fotos. **A ordem era agir com cautela para evitar reações de setores contrários ao diálogo.**

As conversas ocorreram em meio à crise política no Brasil. Em julho, Jair Bolsonaro foi colocado em prisão domiciliar por decisão do ministro Alexandre de Moraes.

A medida gerou desconforto em Washington, onde aliados de Trump chegaram a interpretar o ato como um desafio direto ao presidente americano.

Em nota publicada nas redes sociais, o governo americano afirmou que Moraes usava as instituições brasileiras para silenciar a oposição e ameaçar a democracia.

"O juiz Moraes, agora um violador de direitos humanos sancionado pelos EUA, continua a impor restrições à capacidade de Jair Bolsonaro se defender em público. Deixem Bolsonaro falar", diz a nota.

Nesse contexto, o Itamaraty reforçou que a gestão Lula não buscava confronto com os Estados Unidos.

Vieira também manteve reuniões discretas em Washington fora do Departamento de Estado, em escritórios privados próximos à Casa Branca.

Enquanto isso, empresários também se movimentavam em Washington. Segundo o *Estadão*, Joesley Batista, da JBS, chegou a conversar com Trump na Casa Branca.

- **Em 2017, Joesley Batista ganhou notoriedade na Operação Lava Jato ao delatar políticos e entregar um áudio em que o ex-presidente Michel Temer supostamente autorizava a compra do silêncio de Eduardo Cunha, fato que abalou o governo e o mercado. Posteriormente, foi preso em diferentes operações, acusado de corrupção e insider trading, e o grupo J&F assinou um acordo de leniência com a Justiça, pagando mais de R$10 bilhões em multas.**

Além da atuação de Joesley Batista, que chegou a conversar com Trump na Casa Branca, associações empresariais e representantes do setor privado brasileiro também atuaram em Washington.

De acordo com o jornalista Sam Pancher, o encontro ocorreu, mas tratou apenas da geração de empregos por sua empresa, que possui sede nos Estados Unidos e emprega mais de 70 mil pessoas no país, além do impacto das tarifas impostas ao Brasil sobre as atividades da empresa de Batista.

Em coordenação com o MDIC, o Itamaraty e a Fazenda, participaram de missões, encontros e debates junto ao representante de comércio dos Estados Unidos para reforçar a importância de manter os canais econômicos.

Outros representantes do setor privado participaram de missões, encontros e lobby junto ao representante de comércio dos Estados Unidos.

O dia do encontro

Na manhã do dia 23, Trump chegou cedo à sede da ONU. Assistiu ao discurso de Lula e foi fotografado pelos organizadores enquanto acompanhava a fala pela televisão.

O presidente brasileiro, por sua vez, alterou sua rota: em vez de ir direto ao plenário, passou por uma sala reservada onde poderia encontrar o republicano.

O gesto dos dois foi interpretado como sinal de disposição mútua. A "química" entre Lula e Trump não surgiu por acaso, mas pode ter sido resultado de semanas de contatos discretos entre Brasília e Washington.

Pancher afirma, no entanto, que o elogioao presidente brasileiro foi uma decisão pessoal de Donald Trump, e o fato de tê-lo feito sem ler o teleprompter indica a espontaneidade do gesto.

"Uma fonte dentro do governo norte-americano me disse o seguinte: se você observar o vídeo em que Trump elogia Lula, ele está fazendo críticas ao Brasil, para de ler o teleprompter, elogia o presidente do Brasil e volta a ler o texto com críticas".

Fonte: BRASIL PARALELO